

**A INTERSECÇÃO ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA
EM A MARGEM IMÓVEL DO RIO**

Daniela Silva da Silva (PPGL/PUC-RS)

Não se lembrava de nada. Era uma ironia em seu caso, mas uma grande verdade no geral, que Clio fosse filha de Mnemosyne, a deusa da memória.

(A margem imóvel do rio, p. 32)

Com base no estudo sistemático da consciência e dos processos mentais, o filósofo austríaco Edmund Husserl cria, no segundo quartel do século XIX, uma disciplina teórica intitulada fenomenologia. Objetivando reconduzir o saber à certeza de si mesmo, tal disciplina parte do princípio de que o conhecimento verdadeiro sobre os objetos só é alcançado quando refletimos sobre eles, necessitando, para tanto, que o sujeito abstraia a sua consciência de mundo e passe a pensar os objetos em suas essências.

O ato de refletir, segundo Husserl, em seu *Meditações cartesianas – introdução à fenomenologia*, no item que reserva ao tratamento da reflexão natural e da transcendental, tem como tarefa não o reproduzir uma segunda vez o estado primitivo, mas de o observar e de lhe explicar o conteúdo. A passagem a essa atitude reflexiva dá naturalmente origem a um novo estado intencional, estado que, na singularidade intencional que lhe é própria de “se referir ao estado anterior”, torna consciente, até evidente, não qualquer outro estado, mas esse mesmo.¹

¹ HUSSERL, Edmund. *Meditações cartesianas – introdução à fenomenologia*, trad. Maria Gorete Lopes e Souza. Porto: Rés, [1980?] p. 50.

Quando aplicamos a fenomenologia husserliana ao estudo da obra de arte literária, percebemos que o autor, entidade que dá vida à criação ficcional, reproduz não o universo que lhe serviu de objeto de reflexão, mas um estado de coisas repensado e reorganizado dentro de uma nova estrutura, essencialmente diferente. Essa, por sua vez, obedecerá às regras que lhe são imanentes as quais não possuem nenhum compromisso com as regras do mundo em que vive o escritor, sujeito histórico.

Orientado pela teoria fenomenológica, tal como fora concebida por Edmund Husserl, em seu *Meditações cartesianas*, o presente trabalho pretende realizar uma abordagem do romance *A margem imóvel do rio*, escrito por Luiz Antonio de Assis Brasil, em 2003. A proposta parte da hipótese de que, embora situe-se na intersecção de dois domínios, o da História e o da ficção, a referida obra literária possui um caráter eminentemente ficcional, estando submetida às regras desse universo.

O romance, constituído por cinquenta capítulos, um epílogo e um prólogo, situa-se no Brasil do século XIX e tem início quando o Imperador D. Pedro II recebe uma missiva de um estancieiro gaúcho, Francisco da Silva, que reclama ser agraciado com o título de Barão da Serra Grande, conforme sua majestade havia prometido, por ocasião de uma visita ao Rio Grande do Sul vinte e um anos antes. Após não ter sido encontrada, nos registros oficiais, nenhuma evidência que documentasse o fato, o Imperador decide enviar o Historiador viúvo e Cronista da Corte à Província de São Pedro, atrás de tal estancieiro, para que se fizesse valer a palavra imperial.

Esse historiador sofre de perda de memória e tudo o que ele percebe dentro da narrativa é introjetado por meio dos sentidos. A maneira como vê o mundo passa por um filtro sensorial, que ora registra impressões olfativas, como em: “Os cheiros da cozinha misturavam-se ao aroma noturno das acácias” e (p. 75) “... o cheiro de terra

molhada.” (p. 95); ora impressões táteis, como as que são descritas nos seguintes fragmentos: “O russo ergueu o boné e veio ao seu encontro, dando-lhe os dois beijos.” (p. 124), “ele possui Cândida com a urgência desesperada de quem sente desfazer-se em si o nó da vida.” (p.118).

A personagem também percebe o que acontece à sua volta através da visão, o que vemos registrado na seguinte passagem: “Ele conseguia ver, naquele olhar, a selva do Brasil, que era também um desejo” (p. 48), bem como por meio da gustação, conforme: “apresentando-lhe uma travessa cheia de figos douçados, sumarentos...” (p. 32). Salienta-se, entretanto, que a percepção auditiva do Historiador manifesta-se apenas ao final do texto quando, curado de uma doença que lhe causava um constante zumbido nos ouvidos, *Tinnitus Aurium*, passou a ouvir “até o pulsar de seu coração” (p. 167).

Segundo a teoria husserliana, a percepção de um estado de coisas por um determinado sujeito dá-se através dos sentidos e, portanto, não é intencional, diferentemente da reflexão, que ocorre quando o sujeito, agindo conscientemente sobre determinado objeto, passa a pensá-lo e estruturá-lo dentro de sua consciência. Esse processo compreende, então, a percepção, a nomeação do objeto que é observado e, finalmente, o juízo sobre o que é trazido à consciência. Mas, como ocorre dentro de uma temporalidade, a consciência não consegue reter tudo o que o sujeito percebe, ficando armazenado na memória apenas um resquício da imagem primordial, e é, pois, esse resquício que dá sentido existencial ao que aconteceu.

Em virtude de apenas perceber as coisas sem refletir sobre elas, o Historiador não é capaz de emitir juízos de valor, portanto não dá sentido aos fatos que vivencia, o que lhe acarreta a perda da memória. O narrador, por outro lado, apresenta-se na obra por meio de sua onisciência intrusa, demonstrando plena consciência a respeito do

que narra, o que o autoriza a opinar sobre a vida das personagens, ao mesmo tempo que sabe de tudo o que acontece com elas.

Sua intrusão é marcada por meio do discurso indireto livre, em que há a fusão da voz da personagem com a do narrador, como na seguinte passagem: “–Aqui – um peão gritou. – Aqui! – O russo e Picard comiam um espeto de ovelha. Largaram aquilo e se apressaram. Antonovich corria de forma cômica, as pernas grossas como pilões socando a terra” (p. 133). O fragmento recortado da obra de Assis Brasil é representativo dessa idéia, pois a partir do mesmo não sabemos se quem fala é o Historiador, que presencia a cena, ou o narrador, porque sabe de tudo.

Além disso, tal entidade narrativa utiliza-se de uma linguagem subjetiva, própria do discurso ficcional, expressa não apenas por meio de adjetivos: “frio não completamente meteorológico” (p. 59), “pampa aberto” (p. 71), “anacrônica sobrecasaca” (p. 74), “aroma noturno das acácias” (p. 75), como também através de comparações: “Caminhava como uma pomba” (p. 65) e juízos sobre os fatos: “Os gaúchos faziam bem, ao atribuir nomes às suas propriedades” (p. 71), manifestando com isso a opinião sobre o que narra.

É a voz do narrador que dá vida a esse universo ficcional, construído com uma linguagem subjetiva, dentro de uma cronologia, que possibilitará ao Historiador da Corte Imperial a ordenação e a nitidez dos fatos. Esses, por sua vez, lhe servirão de motivo para que inicie um processo de transformação de uma fase em que ele simplesmente percebia as coisas para outra em que ele começará a refletir e emitir juízos sobre os fenômenos que traz à consciência.

Com a ajuda do narrador, a personagem volta a reter os fenômenos que observa, deixando de perceber as coisas apenas pelos sentidos, o que lhe permite dar

vida à sua consciência e começar, portanto, a constituir uma nova memória. Isso é possível porque a nitidez da impressão atenua-se pela retenção, podendo-se não só passar a viver a modificação da impressão, mas olhá-la, não modificada, de um novo agora que já viveu essa mudança.² Nessa fase, iniciada durante sua estada no interior do Rio Grande do Sul, ele pode comparar esse agora modificado com as imagens vividas, o que faz com que tome consciência de si mesmo e passe a questionar o mundo à sua volta.

Suas primeiras demonstrações de mudança são percebidas logo depois que ele se redescobre homem nos braços de Cândida. A partir desse episódio, o Historiador decide abster-se de seu luto, retirando “da lapela a tira de seda negra”, e pôde, enfim, ter uma boa noite de sono, “pela primeira vez, em toda a sua vida, ele acordava com a claridade do sol”, ‘O que eu fazia com todas essa longas manhãs’ (...) ‘Como o mundo se renova. É uma celebração em minha homenagem’. (...) Tinha, já, menos embaraço do que sarcasmo ao dizer ‘Bom-dia, Sua Majestade’”. (p. 120)

As modificações em seu comportamento podem ser vistas, também, por meio dos apontamentos que faz em seu *vade-mécum* sobre as estâncias por que passara durante seu itinerário pelo Rio Grande do Sul, “território gélido, meio castelhano, bárbaro, lugar de guerras e sedições, pouco brasileiro.” (p. 12), em busca do Francisco da Silva.

Sobre a primeira estância registrou: “*Estância Porteira de Ferro. Francisco da Silva 1: tem noventa e nove anos, e contudo é falso... Primeira Serra Grande. ‘De um momento para outro, passei a classificar os homens como verdadeiros ou falsos’*” (p. 80). A respeito da segunda, escreveu: “*Estância Santa Quitéria. Francisco da Silva 2: também é falso. Vacilou, e depois: Aqui vive Lisabel*” (p. 106). Sobre a terceira anotou:

² BORDINI, Maria da Glória. *Fenomenologia e teoria literária*. São Paulo: Edusp: 1990, p. 38.

Resenha crítica de Daniela Silva da Silva sobre “A margem imóvel do rio”

Estância ‘do Baile’. Francisco da Silva 3: *também não é este.* Com um sorriso que escondeu de si mesmo, escreveu Cândida.” (p. 120).

Além de registrar os encontros com os falsos Chicos da Silva e com as demais pessoas que cruzaram o seu caminho, o Historiador passa a emitir juízos sobre os fatos que aponta em seus escritos, demonstrando-se ciente dos acontecimentos, bem como salientando que sua memória está novamente alerta para as coisas que vivencia. A noite de amor com Cândida fez com esquecesse da “memória da corte” e fosse ao busca de de si mesmo.

Ao final, depois de muitas tentativas mal sucedidas, ele encontra o verdadeiro Francisco da Silva. No entanto, opta por não levá-lo ao Rio de Janeiro para ser agraciado com o título de Barão, e num gesto pensado abre o *vade-mécum* e escreve seu último apontamento: “*Desisto de saber se o português é o verdadeiro Francisco da Silva. Desisto de escrever a minha História do Império por um Contemporâneo dos Fatos.* Pôs um ponto final. Desistia de escrever qualquer História. Ele tinha certeza de que, agora sim, era um homem livre”. (p. 162).

Transitando na intersecção de dois domínios – o da história e o da ficção – o romance de Assis Brasil conta a trajetória de um Historiador que não coincidentemente sofre de perda de memória, tendo a possibilidade de recuperar a sua musa através da voz do narrador que dá vida a essa criação literária. Em *A margem imóvel do rio*, portanto, os dados concretos e objetivos cedem espaço para que os sentidos ficcionais predominem.

Sendo assim, a personagem que no início pretendia escrever a *História do Império por um contemporâneo dos fatos*, após ter tomado consciência de si mesmo e ter deixado de perceber o mundo apenas pelos sentidos, abandona o seu

Resenha crítica de Daniela Silva da Silva sobre “A margem imóvel do rio”

compromisso com a Corte – com a verdade – mudando o rumo dos acontecimentos: “Francisco da Silva desaparecia da memória, tragado nas paragens do Sul. E a História passava a ser outra.” Provavelmente a história da ficção, que, por sua vez, “tem uma seqüência imprevisível” (p. 125), conforme afirma o narrador e intérprete desse universo ficcional.

Embora haja uma interseção entre os dois mundos, o da história e o da literatura, *A margem imóvel do rio* é uma narrativa eminentemente ficcional, concebida por um autor que, após refletir sobre importantes eventos históricos do Brasil e do Rio Grande do Sul, decidiu organizar esses acontecimentos dentro de um novo contexto, através de um discurso subjetivo.

Seguindo a orientação da teoria fenomenológica, percebe-se que a versão dos fatos oferecida pelo narrador não pode ser atribuída a eventos reconhecíveis no tempo e no espaço. De forma indireta, Luiz Antonio de Assis Brasil criou uma imagem verbal ficcionalizada da realidade, a qual não se configura, como diz Edmund Husserl, na reprodução de um estado primitivo, mas num outro que, por sua vez, não possui nenhum compromisso com o mundo exterior.

BIBLIOGRAFIA

BORDINI, Maria da Glória. *Fenomenologia e teoria literária*. São Paulo: Edusp: 1990.

BRASIL, Luiz Antonio de Assis. *A margem imóvel do rio*. Porto Alegre: L&PM, 2003.

HUSSERL, Edmund. *Meditações cartesianas – introdução à fenomenologia*. Porto – Portugal: Res Editora.